



INFLUÊNCIA DA SUBFUNÇÃO SEQÜENCIADORA SOBRE O EMPREGO DOS
CONECTORES *E, AÍ, DAÍ* E *ENTÃO*
(THE INFLUENCE OF SEQUENCE SUBFUNCTION IN THE USE OF THE
CONNECTORS *E, AÍ, DAÍ* E *ENTÃO*)

Maria Alice TAVARES (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: *Though the combination of theoretical presuppositions of Linguistic Functionalism and Variacionist Theory, we analyse the items of speech sequence e, aí, daí and então as variants, trying to verify how they are affected by a group of linguistic factors, the sequence subfunction.*

KEY WORDS: *items of speech sequence; sequence subfunction*

0. Introdução

E, aí, daí e então desempenham várias funções, algumas das quais em comum, podendo estas ser tratadas como fenômeno de variação lingüística. Delimitamos como objeto central deste estudo variacionista a função de seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala, responsável pelo estabelecimento de uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, gerando a expectativa de que algo novo será posto no discurso, em continuidade e consonância com o já dado. A fim de analisarmos o condicionamento do grupo de fatores que denominamos “subfunção seqüenciadora”, utilizamos dados extraídos de 36 entrevistas de informantes florianopolitanos, cuja fonte é o Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

1. Quadro teórico

Temos por hipótese que os múltiplos empregos de *e, aí, daí e então* são decorrentes do processo de gramaticalização, um tipo de mudança lingüística que envolve o percurso de regularização gradual em que itens ou construções lexicais adquirem, no curso do tempo, funções gramaticais. É possível descrever o processo de desenvolvimento de conectores a partir de um percurso proposto por Heine et alii (1991), que salienta a origem espaço-temporal da forma fonte: elementos indicadores de espaço externo passam a ser empregados como indicadores temporais e, por fim, como organizadores do espaço textual, sendo possível um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual. Podemos relacionar a tal percurso de gramaticalização o desenvolvimento de *e, aí, daí e então* como conectores a partir de uma base adverbial.¹

¹ Cf. Tavares (1999).



Como já mencionado, dentre as funções desempenhadas pelos itens sob pesquisa, delimitamos a seqüenciação retroativo-propulsora a fim de tratarmos suas formas codificadoras como variantes. Para tanto, valemo-nos da Teoria Variacionista (cf. Labov, 1972 e 1974) e do paradigma da gramaticalização. Hopper (1991:23) propõe como princípio da gramaticalização a especialização: “Dentro de um domínio funcional, uma variedade de formas com diferentes nuanças semânticas pode ser possível num estágio; quando ocorre a gramaticalização, essa variedade de escolhas formais estreita-se e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais”. Esse princípio refere-se à redução do número de formas possíveis de serem empregadas na expressão de uma certa noção gramatical, isto é, a especialização acarreta a diminuição ou extinção da competição - da variação - entre itens lingüísticos. Quando mais de uma forma está disponível para servir a funções similares ou idênticas, é possível que cada uma das formas especialize-se para contextos distintos.

Segundo Hopper e Traugott (1993:114), a especialização é manifestada por preferências textuais, condicionadas por tipos semânticos, contextos sociolingüísticos, gêneros discursivos, e outros fatores. Ou seja, as preferências de contexto - seja de natureza lingüística, seja de natureza social - que se revelarem para uma determinada forma podem ser tomadas como indícios de especialização. Neste trabalho, analisamos, a partir de tratamento estatístico, as influências de um grupo de fatores lingüístico, a subfunção seqüenciadora, sobre o emprego de *e*, *aí*, *daí* e *então*. Ao caracterizar os contextos preferenciais de cada uma das formas relativamente à subfunção seqüenciadora, buscamos indícios de sua especialização.

2. *E, aí, daí e então*: a questão da marcação

A gramaticalização é um processo gradual, do que resultam fluidez e contínuo entre as funções adquiridas pelas formas no percurso de mudança: as funções mais recentes de *e*, *aí*, *daí* e *então* preservam traços das mais antigas (cf. Tavares, 1999). Como estamos tratando de um fenômeno de natureza fluida, envolvendo categorias não discretas, temos por hipótese que o condicionamento dos fatores lingüísticos evidencie uma distribuição escalar dos resultados associados a *e*, *aí*, *daí* e *então*. Essa distribuição escalar pode ser relacionada ao princípio meta-icônico da marcação, que prevê que as categorias que são cognitivamente marcadas tendem a ser marcadas estruturalmente. Há três critérios básicos de marcação: (i) a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior); (ii) a categoria marcada tende a ser menos freqüente; (iii) a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de exigir maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento que a não marcada (Givón, 1995:28).

Propomos, para os itens sob enfoque, uma distinção baseada nesses critérios, distribuindo-os em uma escala de menos a mais marcado:

<i>e</i>	<i>aí</i>	<i>daí</i>	<i>então</i>
----------	-----------	------------	--------------



-marcado

+marcado

Entre os retroativo-propulsores, *e* e *aí* aparentam ser as formas menos marcadas: são mais recorrentes (respectivamente 1265 e 781 do total de 2922 dados que obtivemos). Destas, cremos que *e* seja a mais fácil de processar: é menor, além de ser átona, em oposição a *aí*, *daí* e *então*, que são tônicas. *Daí* e *então* são as formas mais longas e menos freqüentes em nosso *corpus* (675 e 201 dados, respectivamente), possivelmente exigindo mais atenção e tempo de processamento do que *e* e *aí*.

3. Subfunção seqüenciadora

A seqüenciação retroativo-propulsora envolve subtipos em que há a presença de traços de significado mais específicos, que denominamos “subfunções seqüenciadoras”. Descrevemos e exemplificamos essas subfunções a seguir:

1. Seqüenciadores textuais: Assinalam a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas no texto, indicando a progressão destas para frente.

(1) É, era dura. Agora está tudo bom, (...) né? O tempo que eu me criei não era fácil, não, era fogo. E a gente, às vezes, ainda tinha que buscar lenha até no mato. Às vezes não tinha lenha. O homem que a gente comprava lenha não trazia. (FLP 08, L 1144)

2. Seqüenciadores temporais: Seqüencializam temporalmente eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo.

(2) Aí eu sei que, a cabo de três, aí ele apareceu aqui, AÍ nós fomos lá, lá no reitor, AÍ ele passou já o cheque (inint), AÍ fui no banco, já recebi um dinheiro. (FLP 05, L 418)

3. Introdutores de efeito: Introduzem informações que representam consequência, conclusão ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente.

(3) Por isso que eu entendo ela, não consigo chamar eles de tios, então entendo. É que eu já era a mais velha, DAÍ não consegui. (FLP 07J, L 871)

4. Finalizadores: Introduzem uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico, podendo manifestar idéia de conclusão.

(4) Levava uma surra danada. Então o Coronel A. foi um coronel assim que fez uma limpa na cidade, sabe? negócio [de]- de roubo. ENTÃO tinha isso. (FLP 18, L 872)



5. Retomadores: Recuperam o assunto interrompido por digressões, permitindo sua continuação.

(5) Ele trabalha com malote, então deram umas dez pra ele, pra ele mandar pro- { Vai ser sorteado no Programa do Faustão, né? dia dezoito. } Então vamos ver, né? ENTÃO ele ganhou umas dez, mas a gente colocou nome do pai, nome do cunhado, que é só um pra cada, né? (FLP 09, L 1234)

É possível distinguir essas subfunções de acordo com a marcação:

seqüenciador textual	seqüenciador temporal	introdutor de efeito	finalizador
retomador			
- marcado			+
marcado			

O seqüenciador textual é o subtipo de seqüenciação menos marcado, pois indica apenas a cronologia do discurso (com valor de *continuando*). O seqüenciador temporal tem um traço de significado a mais: indica a cronologia dos eventos narrados, colocando em evidência não apenas a ordenação discursiva, mas também a ordenação temporal cronológica. É o subtipo de seqüenciação mais saliente do ponto de vista perceptual, indicando relações de natureza mais concretas.

O introdutor de efeito apresenta um grau de complexidade maior, pois introduz informações que representam conclusão ou consequência em relação ao que foi dito anteriormente. Assim, é mais marcado cognitivamente que o seqüenciador temporal, por sua vez mais marcado que o seqüenciador textual. O finalizador tem como característica principal o destaque à informação que introduz como representando o final do tópico ou subtópico em andamento até então. Trata-se de um movimento complexo, que exige maior atenção do interlocutor. Mais complexo ainda é o movimento de recuperação de informações anteriores levado a cabo pelo retomador. Sua característica definidora é o movimento de retomada, fornecendo pistas para o interlocutor sobre a volta da seqüência linear temporal da narrativa ou a seqüência discursiva que vinha sendo desenvolvida, ambas interrompidas por digressões.

Nossa hipótese consiste em relacionar funções tidas como menos marcadas a conectores menos marcados e funções consideradas mais marcadas a conectores mais marcados. Como supomos que a seqüenciação textual seja menos complexa cognitivamente, esperamos que favoreça o *e*, o conector menos marcado. O *então*, forma mais marcada, deve ser condicionado em especial pela retomada, a subfunção mais marcada.



4. Resultados e discussão

Tabela 1: Influência da subfunção seqüenciadora no emprego de *e*, *aí*, *daí* e *então*

FATORES	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	TOT./AP	%	PR	TOT./AP	%	PR	TOT./AP	%	PR	TOT./AP	%	PR
Seq. textual	1288/708	55%	.69	1288/237	18%	.38	1288/66	5%	.41	1288/277	22%	.49
Seq. temp.	796/355	45%	.42	796/340	43%	.69	796/61	8%	.53	796/40	5%	.24
Int. de efeito	467/102	22%	.19	467/119	25%	.59	467/48	10%	.66	467/198	42%	.78
Finalização	74/14	19%	.29	74/5	7%	.20	74/8	11%	.70	74/47	74%	.85
Retomada	297/86	29%	.44	297/80	27%	.45	297/18	6%	.50	297/113	38%	.70
TOTAL	2922/1265	43%		2922/781	27%		2922/201	7%		2922/675	23%	

Conforme esperávamos, o *e* é favorecido pela subfunção seqüenciadora considerada menos marcada, a seqüenciação textual, com um peso relativo de .69. A seqüenciação temporal condiciona favoravelmente o uso do *aí* (.69). Também representa contexto favorecedor para o *aí* a introdução de efeito (.59). É possível que o componente temporal dessas duas subfunções seja fator motivador do aparecimento do *aí*: ambas apresentam traços de temporalidade mais fortes se comparadas às demais subfunções, com destaque para a seqüenciação cronológica de eventos, que deve estar bastante correlacionada ao uso do *aí*.

Daí é favorecido pela finalização (.70) e pela introdução de efeito (.66), subfunções complexas, diferenciando-se, portanto, do *aí*. A subfunção mais marcada, a retomada, favorece o *então*, com um peso relativo de .70, confirmando a hipótese. A finalização (.85) e introdução de efeito (.78) também condicionam favoravelmente o *então*. Tais resultados permitem a seguinte distribuição dos itens investigados quanto às subfunções seqüenciadoras:

seqüenciador textual retomador	seqüenciador temporal	introdutor de efeito	finalizador	
<i>e</i>	<i>aí</i>	<i>aí/daí/então</i>	<i>daí/então</i>	<i>então</i>
- marcado				+
marcado				

5. Considerações finais

De acordo com o princípio de estratificação (Hopper, 1991), quando mais de uma forma gramatical está disponível para servir a funções similares ou idênticas, é possível que as formas concorrentes coexistam por grande período de tempo, durante o qual a variação pode ser solucionada por especialização das formas para funções *e/ou*



contextos distintos. Temos indícios, a partir dos resultados obtidos para o grupo de fatores subfunção seqüenciadora, da especialização do *e* para a seqüenciação textual, do *então* para a retomada e do *aí* para a seqüenciação temporal. *Daí* e *então* disputam a introdução de efeito e a finalização.

A especialização de cada forma para uma subfunção diferente da seqüenciação retroativo-propulsora eliminaria a variação. No entanto, nossos resultados apenas ressaltam tendências de emprego dos itens averiguados, não sendo constatado o uso categórico de nenhum deles em uma das referidas subfunções. Portanto, embora o pêndulo, dependendo da subfunção seqüenciadora considerada, aponte ora para um ora para outro dos conectores seqüenciadores, estes estão disputando um lugar ao sol no desempenho de todas as subfunções retroativo-propulsoras.

Concluimos salientando que os resultados quantitativos obtidos pela aplicação da metodologia variacionista indicam rumos que os processos de gramaticalização de *e*, *aí*, *daí* e *então* podem vir a tomar, mas, mais importante, mostram como está delineado atualmente o fenômeno de variação entre os seqüenciadores retroativo-propulsores e seus percursos de gramaticalização na fala de Florianópolis.

RESUMO: Unindo pressupostos teóricos do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria Variacionista, analisamos os conectores seqüenciadores retroativo-propulsores *aí*, *daí*, *então* e *e*, verificando como se dá a influência do grupo de fatores lingüístico subfunção seqüenciadora sobre o seu emprego.

PALAVRAS-CHAVE: seqüenciadores retroativo-propulsores, subfunção seqüenciadora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- HEINE, Bernd et alii. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & Bernd HEINE (eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- HOPPER, Paul & Elizabeth Closs TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, mimeo, 1999.